

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



MUDANÇA DE HORIZONTE

PERSONAGENS

MANUELA
GERVÁSIO
A CORISTA



Saleta mobilada com gosto. Noite. Vêem-se na rua, por uma janela entreaberta, reclamos luminosos. O aparelho de rádio transmite em surdina música de jazz. Manuela, sentada num maple, tem um livro aberto sobre os joelhos. Ouve-se um toque de campainha. Manuela estende o braço e interrompe a emissão da rádio. Levanta-se ligeira, num movimento em que transparece uma alegria gaiata e um tanto maliciosa.

MANUELA — Talvez sim, talvez não...

Entra Gervásio, que se detém no fundo.

GERVÁSIO — Viva!

MANUELA — Já nos tínhamos saudado pelo telefone.

GERVÁSIO — Longe da vista não é a mesma coisa. (*Aperto de mão.*) A família?

MANUELA — Pai, mãe, irmãos, foram ao cinema ou para a pândega. A tia Zeca ficou. Estivemos aqui um bocado as duas de conversa. Depois ela retirou-se. Comigo não tinha de se prender. Acho que tencionava escrever umas cartas. Ela faz luxo em manter em dia a correspondência. Não é como eu...

GERVÁSIO — Portanto, estamos sós?

MANUELA — Quase.

GERVÁSIO — Quase?

MANUELA — Visto que, por cima da cabeça, temos de aguentar os vizinhos importunos.

GERVÁSIO — Ah sim, a família da corista.

MANUELA — Cada vez mais importunos. Já fizemos nova reclamação. E é possível que para o mês que vem recebam ordem de despejo.

GERVÁSIO — Agora estão em relativo sossego.

MANUELA — Não é para durar. Todas as noites há gritos e quedas.

GERVÁSIO — Consolemo-nos com a ideia de que são presenças invisíveis.

MANUELA — É o que vale. (*Indicando-lhe um lugar perto do seu.*) Gosta de estar de pé?

Gervásio senta-se. Um tempo.

GERVÁSIO — Manuela, há já algum tempo que eu aguardava esta ocasião. Não acha que temos coisas importantes para nos dizermos?

MANUELA — Acho que sim.

GERVÁSIO — Porque afinal de contas estamos noivos.

MANUELA — Espera que eu proteste?

GERVÁSIO — Evidentemente que não. Contudo às vezes preciso de me convencer de que a Manuela é de facto a minha noiva.

MANUELA (*afecção de zombaria*) — Que provas reclama?

GERVÁSIO — Não é tanto questão de provas... (*Hesita.*)

MANUELA — Ah, bom.

GERVÁSIO — É questão de clima (*Manuela ri*), ou de ambiente, se quiser.

MANUELA — Explique-se, vamos.

GERVÁSIO — O pedido de casamento deveria ter marcado uma data. Mas tenho a impressão de que não aconteceu coisa alguma... como direi?... de definitivo.

MANUELA — Não percebo.

GERVÁSIO — Continuamos a encontrar-nos como dantes, a frequentar as mesmas pessoas conhecidas, a ir às mesmas reuniões, às mesmas festas... Tudo exactamente como dantes.

MANUELA — Você nunca me participou que detestava esse género de convivência.

GERVÁSIO — Detestar não é o termo. Posso até achar divertido uma vez, de longe em longe. Mas não como programa habitual. Se me tenho deixado ir na onda é só para estar consigo.

MANUELA — Eu não podia adivinhar.

GERVÁSIO — E a mim, confesso, repugnava-me ter de lhe chamar a atenção.

MANUELA — Você julga-me fútil?... Vê? Ficou embaraçadíssimo com a resposta; até corou... E talvez tenha razão. Reconheço que há futilidades que me encham de prazer. E outras coisas, que eu talvez devesse apreciar, aborrecem-me. Não aprecio, como seria natural — como sem dúvida você acharia natural —, certos passatempos espirituais... Não proteste. Eu não serei muito inteligente, mas tenho faro. Ainda no outro dia, quando você me lia uns versos...

GERVÁSIO — *O Cântico da Esperança.*

MANUELA — ... julga que eu não percebi a causa por que interrompeu a leitura? A entrada dos meus primos foi um pretexto.

GERVÁSIO — Não nego. Eu tinha reparado que, desde o primeiro poema, o espírito da Manuela andava distante.

MANUELA (*ri com gosto*) — Desculpe. Desatei a rir por o Gervásio não ser capaz de me tratar por você.

GERVÁSIO — Não me dá jeito. É certo que também não faço a diligência. Acho que se devem tratar as pessoas pelos nomes próprios. Ou então por tu... Demais, soa bem: Manuela. Tem eufonia.